

## *Entre a articulação e a desproporcionalidade: relações do Governo Bolsonaro com as forças conservadoras católicas e evangélicas<sup>1</sup>*

Marcelo Camurça<sup>2</sup>

Paulo Victor Zaquieu-Higino<sup>3</sup>

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i39.56135>

**Resumo:** As eleições de 2018 evidenciaram uma extrema polarização, potencializada pelas narrativas religiosas, que, pela sua intervenção política e pública obtiveram um espaço no governo de (extrema) direita que emergiu das urnas. Através de um projeto para confessionalizar o país, observou-se em diversas iniciativas envolvendo o Presidente Bolsonaro e suas forças religiosas de apoio, uma confluência para um espectro cristão conservador genérico e difuso. Este carrega uma tensão que possui um aspecto de aliança e ao mesmo tempo de disputa interna entre as narrativas conservadoras evangélicas-pentecostais e católicas. Estas duas grandes e influentes expressões religiosas estariam se unindo ou em disputa em meio ao projeto de poder bolsonarista? Nessa trama, o catolicismo estaria sendo “eclipsado” e o pentecostalismo destacado? A partir da análise de eventos como o “Ato de Consagração do Brasil” e das controvérsias em torno da devastação da Amazônia, da Covid 19 e de um suposto clientelismo das redes televisivas católicas com o governo, buscamos medir o alcance desta influência cristã no poder e o peso relativo de evangélicos e católicos. Assim, esperamos contribuir para posteriores reflexões quanto à possibilidade de uma cultura cristã tradicional generalizada - ainda que com suas clivagens internas - estar gradativamente ocupando a esfera pública no Brasil. Isto, em disputa com outra postura advinda também do cristianismo/catolicismo que dialoga e incorpora as mediações da modernidade.

<sup>1</sup> Agradecemos a Álvaro Nascimento e a Elizabeth Pissolato pela leitura e sugestões.

<sup>2</sup> Professor Titular aposentado do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente professor colaborador neste Departamento e professor visitante no Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ. Pesquisador e Bolsista de produtividade CNPQ. E-mail: [mcamurca@terra.com.br](mailto:mcamurca@terra.com.br)

<sup>3</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do Núcleo de Estudos do Catolicismo (NEC/PPCIR/UFJF). Bolsista Capes. E-mail: [paulovictorzh@gmail.com](mailto:paulovictorzh@gmail.com)

Palavras-chave: Bolsonarismo. Conservadorismo. Religião e Política. Catolicismo. Evangélicos, Pentecostalismo.

**Between articulation and deproportionality: relationships of the Bolsonaro Government with the catholic and evangelical conservative forces**

**Abstract:**

The 2018 elections showed an extreme polarization, enhanced by religious narratives, which, through their political and public intervention, obtained a space in the (extreme) right government that emerged from the polls. Through a project to confessionalize the country, it was observed in several initiatives involving President Bolsonaro and his supporting religious forces, a confluence for a generic and diffuse conservative Christian spectrum. This one carries a tension that has an aspect of alliance and at the same time of internal dispute between the conservative evangelical-pentecostal and Catholic narratives. Are these two great and influential religious expressions coming together or in dispute in the midst of the Bolsonarist power project? In this plot, is Catholicism being “eclipsed” and Pentecostalism highlighted? Based on the analysis of events such as the “Brazilian Consecration Act” and the controversies surrounding the devastation of the Amazon, Covid 19 and an alleged clientelism of Catholic television networks with the government, we seek to measure the extent of this Christian influence in power and the relative weight of evangelicals and Catholics. Thus, we hope to contribute to further reflections on the possibility of a widespread traditional Christian culture - albeit with its internal divisions - gradually occupying the public sphere in Brazil. This, in dispute with another posture also coming from Christianity / Catholicism, which dialogues and incorporates the mediations of modernity.

**Keywords:** Bolsonarism. Conservatism. Religion and Politics. Catholicism. Pentecostalism.

**Entre articulación y desproporcionalidad: relaciones del Gobierno Bolsonaro con las fuerzas conservadoras católicas y evangélicas**

**Resumen:** Las elecciones de 2018 mostraron una polarización extrema, potenciada por narrativas religiosas, que, a través de su intervención política y pública, obtuvieron un espacio en el gobierno (de extrema) derecha que surgió de las urnas. A través de un proyecto de confesionalización del país, se observó en varias iniciativas que involucraron al presidente Bolsonaro y sus fuerzas religiosas de apoyo, una confluencia de un espectro cristiano conservador genérico y difuso. Éste conlleva una tensión que tiene un aspecto de alianza y al mismo tiempo de disputa interna entre las narrativas conservadoras evangélicas-pentecostales y católicas. ¿Estas dos grandes e influyentes expresiones

religiosas se unen o se disputan en medio del proyecto de poder bolsonarista? En esta trama, ¿se “eclipsa” el catolicismo y se destaca el pentecostalismo? A partir del análisis de hechos como el “Acto de Consagración de Brasil” y las controversias en torno a la devastación de la Amazonía, Covid 19 y un supuesto clientelismo de las cadenas de televisión católicas con el gobierno, buscamos medir el alcance de esta influencia cristiana en el poder. y el peso relativo de evangélicos y católicos. Por lo tanto, esperamos contribuir a nuevas reflexiones sobre la posibilidad de que una cultura cristiana tradicional generalizada, aunque con sus divisiones internas, ocupe gradualmente la esfera pública en Brasil. Esto, en disputa con otra postura también proveniente del cristianismo / catolicismo, que dialoga e incorpora las mediaciones de la modernidad.

**Palavras chave:** Bolsonarismo. Conservatismo. Religião y Política. Catolicismo. Pentecostalismo.

*Recebido em 07/10/2020 - Aprovado em 04/12/2020*

## **Introdução**

A forte presença tanto do segmento evangélico pentecostal como de setores católicos carismáticos e tradicionalistas na conformação da base de sustentação do governo Bolsonaro é um traço da conjuntura política brasileira desde as eleições de 2018, quando estes segmentos conferiram ao então candidato um decisivo número de votos<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Não é intuito deste artigo discutir a evolução destas forças religiosas conservadoras no cenário público brasileiro. Para contextualizar sua posição nas eleições de 2018, apresento aqui um conciso panorama desta trajetória. No que diz respeito aos evangélicos-pentecostais, estes, a partir da Constituinte de 1988, traçam um plano de poder e de ocupação do espaço público que abandona a abstenção de posicionamento político - “crente não se mete em política” - à participação ativa do “evangélico vota em evangélico” (MARIANO, 2011: 250). Sua pauta de atuação política a partir de 1988 centrou-se em questões morais e na ampliação de sua visibilidade pública. Atuaram contra a descriminalização do aborto, contra a liberação do consumo de drogas e a união civil de homossexuais; defenderam a moral cristã, a família e os “bons costumes”; obtiveram dos governos a concessão de emissoras de rádio e televisão e recursos públicos para suas organizações religiosas e assistenciais consideradas por eles de interesse público (MARIANO, 2011: 251). Desde sua entrada pública na política só tenderam a crescer, alcançando na última legislatura eleita em 2018, 84 deputados federais e 07 senadores. Quanto ao catolicismo, a partir dos anos 1980, por influência do longo Pontificado de João Paulo II e em seguida no de Bento XVI, a hierarquia da instituição gradativamente abandona sua postura politizada das lutas sociais do período do Vaticano II e retoma a perspectiva histórica centenária de procurar influenciar, dentro de um ponto de vista da moral e de comportamento, o domínio público e estatal. Passam a pressionar parlamentares, autoridades e poderes para regular e legislar sobre políticas públicas de acordo com princípios conservadores, como: a organização da família em moldes tradicionais, contra o aborto, contra os métodos contraceptivos, contra a união civil de homossexuais e a eutanásia e pela educação

Considere-se também o fato de Bolsonaro se apresentar como um homem de fé, cristão, o que expressou com os *slogans* centrais de sua campanha elencando citações bíblicas e evocações religiosas, tais como: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” e “Deus acima de todos”.

Qual seria, então, a religião de Bolsonaro? Ou melhor, qual seria o fundamento religioso do seu governo?<sup>5</sup> Para elucidar este questionamento, ou evidenciá-lo, Almeida (2019) apresenta uma série de eventos:

Bolsonaro se declara católico, mas o pastor (...) Silas Malafaia, fez seu último casamento com uma evangélica (...) em 2016 foi batizado pelo pastor Everaldo (...) no rio Jordão em Israel”. [...] “Evangélicos (pastores e políticos foram centrais no núcleo de campanha (...) em 2018 (...) seu primeiro pronunciamento como presidente eleito foi precedido por uma típica oração evangélica (...) [mas] como ato falho, a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi exposta” (...) “vem se apresentando como um cristão, sem acentuar as cores católicas e sempre sinalizando para os evangélicos (ALMEIDA, 2019, p. 36-37).

Durante a campanha presidencial ele, Bolsonaro, já havia anunciado, na direção da constituição de um Estado confessional, que: “Não tem essa historinha de Estado laico não! O Estado é cristão e a minoria que for contra que se mude. As minorias têm que se curvar às maiores”.<sup>6</sup>

É fato que a ideia de confessionalização do Estado, através de uma política de governo para viabilizar os valores morais conservadores destes segmentos religiosos cristãos, uns segmentos evangélicos e católicos tradicionais (assim como espíritas e judeus do mesmo espectro ideológico) em torno do atual governo. Projetos parlamentares e

religiosa em escolas públicas. Algumas vezes em aliança com os evangélicos pentecostais, outras vezes em competição com estes.

<sup>5</sup> Tem sido uma das preocupações recentes do antropólogo Ronaldo Almeida em suas apresentações públicas, também expressas em comunicações orais particulares, desvendar essa pertença de Bolsonaro, como forma heurística de análise do papel religioso na sua política de governo (Sessão 11 Religião e Política no II Simpósio Direitas Brasileiras – “Bolsonaro no poder”). Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=5crs8skI7XA>

<sup>6</sup> “Sem essa de Estado Laico, somos um Estado Cristão”, afirma Bolsonaro. *Gospel Prime*, 10/02/2017. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/sem-estado-laico-somos-cristao-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 20 jul. 2020

políticas públicas - como proibição do aborto em qualquer circunstância, veto à união homoafetiva, luta contra a criminalização da homofobia, contra o que chamam de “ideologia de gênero” e “escola sem partido”, pela educação religiosa nas escolas e por um “Estatuto da família” que a restrinja em homem e mulher - materializam esta convergência.

Seria possível, então, dentro deste governo, em prol de uma pauta política de conservadorismo religioso, harmonizarem-se igrejas que estiveram sempre em competição no campo religioso por adeptos? (MARIANO, 2011, p.248). Da mesma forma, estaria o catolicismo, que exerceu durante séculos o monopólio religioso na sociedade brasileira, disposto a não procurar obstaculizar o avanço evangélico-pentecostal, em benefício desta união confessional frente às políticas laicas? (MARIANO, 2011, p. 248-249). Convém lembrar que mesmo entre os católicos carismáticos e os evangélicos-pentecostais, ambos com inspiração em torno da ação miraculosa do Espírito Santo, existem diferenças consideráveis. A despeito dos dois movimentos serem baseados na centralidade da experiência extática com o Espírito Santo, a divergência dos carismáticos católicos em relação aos pentecostais, centra-se “na obediência ao Papa e na devoção à Virgem Maria” por parte dos primeiros (MARIZ, MACHADO, 1994:30). Aliás um dos fatores da disputa entre os dois grupos cristãos conservadores do governo Bolsonaro, registrado na nossa etnografia é o “Ato de consagração do Brasil à Nossa Senhora”. Segundo Mariz e Machado, a devoção à Nossa Senhora funciona para a pertença católica, como “divisor de águas, a fronteira e, se não for reforçada não há por que ficar no universo católico” (1994:30)

Este artigo, portanto, busca discutir os fatores de confluência e de afastamento entre evangélicos e católicos conservadores em relação ao governo Bolsonaro, através do exame de eventos como o “Ato de consagração do Brasil à Nossa Senhora” e outros mais dispersos, como os episódios do Sínodo da Amazônia, as controvérsias em torno da falta de política pública para a pandemia da Covid-19 e o caso das TVs católicas diante deste governo. Do mesmo modo procura analisar, no âmbito do próprio governo, se existe um esforço intencional de acomodação destas forças religiosas no seu seio ou se a convivência funciona mais no imediatismo das conjunturas, levando-o a oscilações de conduta em relação aos dois grupos religiosos conservadores.

As reflexões que irrompem deste artigo vêm referenciadas no “calor da hora” dos acontecimentos que serão relatados. Trazem, portanto, a marca de uma “análise de conjuntura” político-religiosa. Toniol e Caldeira (2020), contudo, observaram de forma crítica as limitações de análises produzidas no “calor dos acontecimentos”, reféns das “contingências da política” dentro do “gênero de análise de conjuntura”. Contrapõem a esta abordagem a perspectiva da “longa duração dos processos (...) relativizando seu

aparente ineditismo” (TONIOL; CALDEIRA, 2020). A não consideração de perspectiva histórica de longo curso, leva, segundo os autores, as análises ao equívoco de identificar o conservadorismo religioso como fenômeno recente produzido pelos evangélicos. Ao contrário, para estes pesquisadores, se aplicarmos as lentes da história, encontrar-se-á na tradição do catolicismo a origem dos elementos religiosos do conservadorismo autoritário moderno na política brasileira. Ela remonta ao período da década de 1920 dentro da formação do pensamento religioso antimoderno de Jackson Figueiredo<sup>7</sup>, Gustavo Corção<sup>8</sup> e Plínio Corrêa de Oliveira<sup>9</sup>, este último fundador da Tradição Família e Propriedade (TFP).

Diríamos a Toniol e Caldeira (2020), como resposta à sua justa proposição, que o catolicismo neste texto não se encontra “eclipsado”. Ao contrário, é apresentado como uma das forças deste conservadorismo em aliança e disputa com os evangélicos na sua influência dentro do governo atual de extrema direita. E além disto, na sua complexidade de tradição religiosa que contém visões religiosas progressistas e também moderadas, aparece também como agente de resistência e contraposição às medidas tomadas pelo governo.

Se a nossa narrativa está assentada no exame do fluxo dos acontecimentos recentes, é importante dizer que pensadores consagrados dos campos da filosofia, economia política e sociologia, como o foi Karl Marx, ao lado dos seus textos densos, voltados para a análise rigorosa das estruturas econômicas e dos movimentos conceituais da dialética, também se ocupou do cotidiano dos jogos de força de indivíduos e projetos políticos. Em “O 18 Brumário” (1978) e “As Lutas de Classe na França de 1848 a 1850” (2012), ele esmiuçou o desenrolar das ações dos atores sociais, dos agentes representantes das classes, frações de classe, nas suas acaloradas disputas em busca do poder político.

Dito isto, passemos à exposição dos fatos recentes que marcaram o comportamento diferenciado de Bolsonaro frente aos evangélicos em relação ao catolicismo conservador que também o apoia, com ressonâncias na configuração de seu governo.

---

<sup>7</sup> Para se compreender o pensamento e a ação de Jackson de Figueiredo à frente do Centro Dom Vital ver o livro de Alceu de Amoroso Lima (2001)

<sup>8</sup> Para se compreender o pensamento e a ação social de Gustavo Corção ver a obra de Christiane Jalles de Paula (2015)

<sup>9</sup> Para se compreender a atividade religiosa tradicionalista de Plínio Corrêa de Oliveira ver a dissertação de Mestrado de Rodrigo Coppe Caldeira (2005)

## ***O Ato de Consagração do Brasil à Nossa Senhora***

No mês de maio de 2019 - dedicado na Igreja Católica a Nossa Senhora - diversos *sites*<sup>10</sup> e as redes sociais noticiaram que o presidente Bolsonaro iria consagrar o Brasil à Virgem Maria. Sites laicos, católicos e evangélicos - por motivos opostos, de exultação ou desconfiança - conferiram grande projeção a este ato:

Palácio do Planalto recebe nesta terça-feira (21/05/2019) o bispo Dom Fernando Arêas Rifan para uma cerimônia católica. No ato religioso, o presidente Jair Bolsonaro (PSL) vai consagrar o Brasil ao Imaculado Coração de Maria — rito católico de “reparação” dos pecados. O evento foi um pedido da Frente Parlamentar Católica. (AUGUSTO, 2019)

Os próprios parlamentares católicos, Eros Biondini e Christine Tonietto (PSL-RJ), noticiaram em suas redes sociais que o ato seria realizado pelo presidente e bispos católicos em Brasília. Sites católicos comemoraram o ato religioso e o próprio Olavo de Carvalho, “católico” à sua maneira e guru intelectual do presidente, compartilhou a notícia.

Transmitido ao vivo pela internet, o Ato mobilizou as redes sociais a ponto de a *tag* “#OrePeloBrasil” ficar entre as mais comentadas no dia, diante da grande expectativa dos católicos e apreensão dos evangélicos. A questão que pairava era se Bolsonaro, de fato, realizaria a consagração do Estado brasileiro a um dos pilares da simbologia católica, que é Nossa Senhora, cognominada como a “Mãe de Deus”. Isto, a despeito do seu cativo eleitorado evangélico. Faz-se mister lembrar que o culto mariano, ao lado do culto dos Santos, foi um dos marcos de crítica protestante ao catolicismo, enquanto idolatria. Portanto, o evento despertou a comemoração entre católicos e silêncio entre evangélicos, pois criticar o ato seria uma reprovação ao governo do seu presidente “Messias”.

---

<sup>10</sup>AUGUSTO, Otávio. No Planalto, Bolsonaro consagrará Brasil ao Imaculado Coração de Maria. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/no-planalto-bolsonaro-consagrara-brasil-ao-imaculado-coracao-de-maria> Acesso em: 21 abril 2020; Redação Terça Livre. Bolsonaro junto com Dom Rifan fará um ato de consagração do Brasil ao Imaculado Coração de Maria. Disponível em: <https://www.tercalivre.com.br/bolsonaro-junto-com-dom-rifan-fara-um-ato-de-consagracao-do-brasil-ao-imaculado-coracao-de-maria/> Acesso em: 21 abril 2020; MATTOS, William. Bolsonaro consagrará Brasil ao Imaculado Coração de Maria nesta terça (21). Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/bolsonaro-consagrara-brasil-ao-imaculado-coracao-de-maria-nesta-terca-21/>. Acesso em: 21 abril 2020.

Para o esperado evento católico no palácio presidencial foi montado um cenário singelo. Diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima, disposta sobre uma mesa simples e acompanhada tão somente de um arranjo de flores e uma vela, diferente das pomposas solenidades públicas católicas, reuniram-se o presidente e seus assessores, parlamentares católicos, dois bispos, alguns padres, religiosos consagrados e leigos.

Curiosamente, como contraste, referente a outra postura do catolicismo - que veremos adiante no texto - o Papa Francisco, líder máximo da Igreja Católica, enviou dias antes deste evento a sua Cruz Peitoral<sup>11</sup> para a comunidade de Brumadinho-MG, atingida pela lama de barragens. Outros bispos católicos e a CNBB, chamada de “a parte podre da Igreja” pelo presidente, nada disseram sobre o evento em Brasília.

A hierarquia católica brasileira, espionada pelos serviços de inteligência do Governo por ocasião do Sínodo da Amazônia, ignorou totalmente o evento<sup>12</sup>. A “catolicidade” do ato foi pautada tão somente na frágil autoridade canônica de dois bispos sem território eclesiástico: o mais velho, Dom João Terra, era bispo emérito de Brasília, ou seja, um bispo aposentado de suas funções de governo na Igreja. O segundo, Dom Fernando Rifan, era um bispo neotradicionalista delegado pela Sé romana para administrar o grupo de padres e fiéis cismáticos e excomungados da Diocese de Campos (Campos dos Goytacazes-RJ) em 1988 e que haviam pedido perdão ao Papa João Paulo II em 2002, o qual lhes trouxe de volta à comunhão com a Igreja, através da criação da Administração Apostólica São João Maria Vianney (ZAQUIEU-HIGINO, 2019).

Dom Rifan, apesar de abandonar seu passado de crítico intransigente da hierarquia católica e adotar uma postura mais moderada, surgiu como uma tentativa de sacralizar o evento político partidário sem considerar o posicionamento indireto do Bispo da Diocese em que está inserido e mesmo da CNBB e do Papa Francisco.

O Ato de Consagração foi iniciado com um discurso do cantor carismático e deputado federal da Frente Parlamentar Católica, Eros Biondini (PROS-MG), que em sua missiva associou o atentado contra o Papa João Paulo II a aquele sofrido por Bolsonaro em Juiz de Fora (MG) durante a campanha eleitoral de 2018. Ambos, segundo o parlamentar,

<sup>11</sup> Papa Francisco entrega sua cruz peitoral à comunidade de Brumadinho. *Instituto Humanitas Unisinos*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589279-papa-francisco-entrega-sua-cruz-peitoral-a-comunidade-de-brumadinho>. Acesso em: 21 abril 2020. A cruz peitoral é uma insígnia episcopal, consistindo em uma cruz ou crucifixo de tamanho notável pendurada por um cordão sob o peito de uso exclusivo de bispos e papas, que somadas com o anel episcopal, simboliza sua autoridade e proximidade com Jesus Cristo.

<sup>12</sup> A próxima crise contratada pelo governo Bolsonaro. NOBLAT, Ricardo. *Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/noblat/a-proxima-crise-contratada-pelo-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 22 abril 2020.



teriam sobrevivido por milagre da Virgem Maria. O poder intercessor das aparições marianas foi evocado, lembrando a aparição miraculosa ocorrida em Fátima em 13 de maio de 1917, onde a Virgem teria pedido a consagração de seu Imaculado Coração à Rússia como forma de conjurar o comunismo que acabava de eclodir com a Revolução bolchevique.<sup>13</sup> Após elencar diversos católicos vindos de outros países para a cerimônia, Biondini sugestionou a repetição do evento nos anos seguintes.<sup>14</sup>

Em seguida, o padre Oscar Peroni, de nacionalidade italiana, residente no Brasil, fez discurso apresentando os benefícios da Consagração de um país à Maria, pois esta teria livrado muitas nações do “comunismo”, grande inimigo presente nos discursos do presidente e dos católicos conservadores. Segundo relatou o sacerdote, a Virgem teria aparecido em Fátima (Portugal) no ano de 1917, alertando para os riscos oriundos dos pecados causados pela humanidade, necessitando consagrar o mundo, em especial a Rússia, para afastar os males que esta causaria ao espalhar o comunismo por todos os recantos da terra.

Após a oração de somente uma dezena do terço católico conduzida pelo diácono Nelsinho Corrêa, da Comunidade Católica Canção Nova, e canto de um hino mariano entoado por uma freira, Irmã Kelly Patrícia, o secretário-geral da Presidência da República, Floriano Peixoto, que se apresenta como “católico fervoroso”, assinou o texto contendo a Consagração juntamente com os dois bispos e o deputado Eros Biondini.

Bolsonaro, contrariando o previsto, permaneceu em silêncio em toda a cerimônia, recusando-se polidamente a assinar o documento e sem expressar qualquer gesto de devoção religiosa. Católicos frustrados e evangélicos aliviados. A veracidade e legitimidade religiosa do Ato de Consagração passou a ser indagada nas redes sociais de fiéis.

Enquanto o mais popular site católico de notícias, Aleteia, afirmou que “a Presidência da República assinou hoje consagração do Brasil ao Imaculado Coração de Maria” (ALETEIA,2019), o prestigiado site evangélico, Gospel Prime (2019), informou: “Bolsonaro participa de consagração do Brasil a Jesus por meio do ‘coração de Maria’”<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> Mariz (2002) apresenta excelente análise das Aparições da Virgem Maria em Fátima, maior devoção mariana do Catolicismo na modernidade, e sua utilização política.

<sup>14</sup> O evento está integralmente disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=O2tBBnmweb4>

<sup>15</sup> Presidência da República assinou hoje consagração do Brasil ao Imaculado Coração de Maria. ALETEIA. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2019/05/21/presidente-da-republica-assinou-hoje-consagracao-do-brasil-ao-imaculado-coracao-de-maria/>. Acesso em: 21 abril 2020; Cf. <https://overbo.news/bolsonaro-brasil-jesus-imaculado-coracao-de-maria/>.

Católicos bolsonaristas insistiram na imagem de um presidente católico, enquanto evangélicos na imagem de um chefe de Estado que respeitaria - ainda que retoricamente - o pluralismo religioso.

Enquanto alguns evangélicos bolsonaristas recorriam ao argumento de que Bolsonaro agia de acordo com a postura plural que o cargo exigia, outros, como Júlio Severo, uma versão evangélica de Olavo de Carvalho, evidenciavam o risco desta aceitação da pluralidade:

Apoiadores de Bolsonaro comentaram que, como presidente, Bolsonaro teria uma suposta obrigação de participar de todas as cerimônias religiosas sem discriminação. Assim, nessa visão, Bolsonaro deveria, para agradar aos católicos, consagrar o Brasil para “Nossa Senhora”; para agradar aos evangélicos, consagrar o Brasil para o Senhor Jesus Cristo; para agradar aos adeptos das religiões afro-brasileiras, consagrar o Brasil para Iemanjá e os exus; e por aí vai. (SEVERO, 2019)<sup>16</sup>

Aqui podemos perceber que mesmo entre evangélicos a compreensão de laicidade não é homogênea, mas sim debatida e configurada constantemente: ora em defesa de uma tolerância do Estado com outras expressões religiosas, inclusive católica, ora centrada na hegemonia da cosmovisão evangélica.

Foi muito simbólico o silêncio do sempre polêmico pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, em todo o processo. A expectativa e o temor de uma reação intempestiva do pregador talvez tenha sido o maior motivo da não assinatura de Bolsonaro. Um Malafaia irado incomoda muita gente. Mas um Malafaia acusando um presidente de idólatra e traidor do eleitorado evangélico pode incomodar muito mais.

Já, entre os católicos, a não assinatura de presidente gerou ainda mais reconfigurações de representação da laicidade a partir desta tentativa de *recatolicizar*, simbolicamente, o Estado. Como o próprio *site* Aleteia esclarece ao fim da notícia:

vem repercutindo nas redes sociais, ao longo do dia, uma discussão entre os internautas brasileiros que consideram que a cerimônia desta tarde não foi propriamente uma

<sup>16</sup> Sob Bolsonaro, Brasil é consagrado à “Nossa Senhora”. Júlio Severo, 23 de maio de 2019. Disponível em : <https://juliosevero.wordpress.com/author/juliosevero/> Acesso em: 21 abril 2020.

consagração do Brasil a Nossa Senhora, mas uma simples homenagem a ela, impulsionada por um grupo delimitado de parlamentares católicos e de apoiadores da iniciativa. Ainda assim, o gesto tem sido elogiado por grande parte dos internautas, ao passo que outra parte, também volumosa, acusa o evento de ter sido meramente político. (ALETEIA, 2019)

Deste modo, alguns católicos concordaram que houve o Ato de Consagração, legitimando a presença relevante desta religião na esfera pública, como desejava a Frente Parlamentar Católica. Outros, afirmavam que a religião foi instrumentalizada por interesses políticos, não tendo ocorrido de fato o que pretendiam os religiosos católicos.

O próprio Bispo Fernando Rífan deixou transparecer sua frustração com a negativa de Bolsonaro em assinar a Consagração e a ineficácia do Ato em seu perfil no Facebook:

Fui convidado, para com os Representantes da Frente Parlamentar Católica, dos Movimentos Marianos na presença do Presidente da República Federativa do Brasil, para entregar nas mãos dele o Ato com o qual Consagramos o Brasil, ao Imaculado Coração de Maria. Esse objetivo foi cumprido e o ministro Floriano Peixoto, porta-voz do governo, assinou conosco a consagração. Muitos esperavam que o presidente consagrasse o Brasil a Nossa Senhora. Isso ele não fez. Foi pena. Mas fizemos o nosso papel. Ele foi cordato em participar da homenagem. E o texto assinado foi entregue a ele. Depois, nós fizemos o ato de Consagração. Esperamos que Nossa Senhora aceite o nosso ato de Consagração e proteja o nosso tão necessitado Brasil<sup>17</sup>

Em outra postagem, o bispo tentou justificar sua presença e fracasso na Consagração:

---

<sup>17</sup>Facebook.:<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2367764266801875&set=a.1415171435394501&type=3&theater> Acesso em 01/03/2020

A minha participação foi a uma homenagem a Nossa Senhora no Palácio do Planalto na presença do Presidente da República. Não significou apoio político ao presidente nem a ninguém. Creio que, mesmo não sendo totalmente satisfatória, valeu pela homenagem a Nossa Senhora e do anúncio e intenção da consagração, na presença do presidente. Foi o máximo que se conseguiu. Abraço e unidos na oração. Dom Fernando Rifan.<sup>18</sup>

O prelado católico reconheceu que o Ato de Consagração não recebeu a chancela oficial do poder executivo e isto por vontade exclusivamente do presidente, que se recusou assinar o documento da Consagração, mas tão somente que ele participou de um evento que homenageou Nossa Senhora na presença do presidente.

### ***Contradições e tensões entre Governo Bolsonaro e Igreja Católica***

Ao contrário da expressiva votação que Bolsonaro recebeu entre os evangélicos, 69%, contra 31% dados ao candidato Fernando Haddad, no que disse respeito aos católicos o resultado foi bem equilibrado, 51% pró Bolsonaro e 49% pró Haddad<sup>19</sup>. Este fato já revelava, antes mesmo do início do governo Bolsonaro, que no catolicismo já havia em uma grande parcela de seus fiéis, clero e hierarquia um distanciamento do projeto conservador capitaneado por este ex-capitão do Exército e político de direita.

Quando do “Sínodo da Amazônia” convocado pelo Papa Francisco entre os dias 06 e 27 de outubro de 2019, onde a Igreja expressou um firme apoio a defesa do meio ambiente na região; assim como às populações indígenas e ribeirinhas, iniciam-se as primeiras rugas com a política de incentivo pelo governo ao desmatamento e queimadas na floresta pelo garimpo e agronegócio. Na ocasião, o governo mobilizou a Agência Brasileira de Informação para monitorar o evento, numa atitude que relembra o cerco que movia a Ditadura Militar de 1964 à chamada igreja progressista<sup>20</sup>.

<sup>18</sup>Facebook.:<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2367764266801875&set=a.1415171435394501&type=3&theater> Acesso em 01/03/2020

<sup>19</sup> “Datafolha de 25 de outubro para presidente por sexo, idade, escolaridade, renda, região, religião e orientação sexual. *G1*, 16/10/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml> Acesso em 26/08/2020

<sup>20</sup> CNBB reage a críticas e defende Sínodo da Amazônia. *Veja*, 02/09/2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/religiao/cnbb-reage-a-criticas-e-defende-sinodo-da-amazonia/> Acesso em 01/09/2020

De uma posição inicial, logo em seguida à sua eleição e posse, em que o Presidente da CNBB, D. Walmor de Oliveira, preconizou um “diálogo” com o governo Bolsonaro<sup>21</sup>, em virtude do comportamento governamental negacionista diante da pandemia do Covid 19 que assolou o país, uma crescente tensão se instalou entre a hierarquia da Igreja e o governo federal.

A CNBB foi signatária de uma nota, em conjunto com a OAB, ABI, SBPC e Academia Brasileira de Ciência, na qual afirmou que as declarações e atos do presidente contrários ao isolamento recomendado pela OMS se constituíam uma “grave ameaça à saúde”<sup>22</sup>. Em seguida, D. Walmor afirmou em entrevista que medidas de proteção social diante da pandemia precisavam ser rápidas e que a desinformação, como a que veiculou o presidente da República, de que esta era apenas um “resfriadinho”, conduziria a um “itinerário de morte”. Com relação ao decreto do presidente Bolsonaro que permitiu a abertura de templos e igrejas, considerados como “atividades essenciais”, ele respondeu “templo fechado não é sinal de privação de espiritualidade”<sup>23</sup>. E de fato, a Igreja Católica conduziu todo seu calendário litúrgico durante o auge da pandemia de forma *on line*.

Além disso, o mesmo D. Walmor, enquanto Arcebispo de Belo Horizonte, ofereceu aos prefeitos da grande BH as 1 mil e oito igrejas de sua diocese, além da Catedral Cristo Rei (em construção) e o Centro Olímpico da PUC Minas, para funcionarem enquanto hospitais de campanha para o tratamento da Covid 19<sup>24</sup>

Com o agravamento da crise e as tensões geradas pelo Poder Executivo em relação ao Supremo Tribunal Federal (STF), assim como pelas manifestações de grupos de extrema direita de apoiadores de Bolsonaro clamando pelo fechamento do órgão máximo do Poder Judiciário e a volta da ditadura, D. Walmor voltou a pronunciar-se em

<sup>21</sup> “CNBB prega diálogo com o governo e tolerância zero a abuso sexual”. *Folha de São Paulo*, 10/maio/2019. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/em-posse-cnbb-prega-dialogo-com-governo-e-tolerancia-zero-a-abusos-na-igreja.shtml> Acesso em: 01/09/2020

<sup>22</sup> “CNBB e entidades de cientistas, advogados e imprensa pedem respeito a isolamento” em *Folha de São Paulo*, 27 de março 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/cnbb-e-entidades-de-cientistas-advogados-e-imprensa-pedem-respeito-a-isolamento.shtml> Acesso em 24/08/2020

<sup>23</sup> Presidente da CNBB critica Bolsonaro e diz que falas desinformam e geram crise”. *Folha de São Paulo*, 9 abril, 2020 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/presidente-da-cnbb-critica-bolsonaro-e-diz-que-falas-desinformam-e-geram-cisoes.s> Acesso em 24/08/2020

<sup>24</sup> Igrejas da Capital e de 27 municípios podem se tornar hospitais de campanha. *Observatório de Evangelização PUC Minas*. Disponível em: [https://observatoriodaevangelizacao.wordpress.com/2020/03/26/igrejas-da-capital-e-de-27-municipios-podem-se-tornar-hospitais-de-campanha/?fbclid=IwAR3FN6zwaWaUD0xJoz2YGWcHpqIz5uWfN6Vo3Xv2nl\\_U-X8RFyp9jEaYfWw](https://observatoriodaevangelizacao.wordpress.com/2020/03/26/igrejas-da-capital-e-de-27-municipios-podem-se-tornar-hospitais-de-campanha/?fbclid=IwAR3FN6zwaWaUD0xJoz2YGWcHpqIz5uWfN6Vo3Xv2nl_U-X8RFyp9jEaYfWw). Acesso em 24/08/2020

entrevista. Na oportunidade afirmou ser “da tradição da CNBB” a “defesa da democracia e de suas instituições”. Se disse preocupado com “as sucessivas agressões à ordem democrática” e que “atos inconstitucionais merecem ser repudiados”. Justificou o engajamento da CNBB no “Manifesto em Defesa da Democracia” junto com a OAB e a Associação dos Magistrados Brasileiros, segundo ele “instituições com credibilidade”. E por fim criticou as declarações do presidente Bolsonaro menosprezando as mortes, como “frases inadequadas que machucam quem perdeu um parente e amigo na pandemia”. Concluiu afirmando que para que “o país saia do colapso da saúde (...) faltam políticas públicas para fortalecer o SUS e amparar os mais pobres”<sup>25</sup>.

A despeito desta posição crítica da CNBB, os segmentos carismáticos da Igreja Católica reafirmaram seu apoio a Bolsonaro, reunindo-se na portaria do Palácio Alvorada com uma imagem de Nossa Senhora de Fátima e uma bandeira do Brasil, rezando pelo presidente e contra o comunismo. Afirmaram eles que Bolsonaro tinha sido “escolhido por Deus para colaborar com o plano de salvação de Jesus Cristo e que o aparelhamento do Estado pelo comunismo e por forças secretas serão vencidas pelo poder de Deus”.<sup>26</sup>

O ápice da crise entre a Igreja Católica e o Poder Executivo em torno da pandemia se deu com uma carta assinada por 152 arcebispos e bispos eméritos com duras críticas ao governo federal. Intitulada “Carta ao Povo de Deus”, apontou a “incapacidade e inabilidade do governo federal de enfrentar essas crises” na saúde e na economia. Prosseguiu o documento: “assistimos sistematicamente a discursos anticientíficos que tentam naturalizar ou normalizar o flagelo de milhares de mortes pelo Covid 19”.<sup>27</sup>

Como consequência desta posição dos bispos, em seguida cerca de 1.507 padres e diáconos assinaram uma carta de apoio à Carta dos Bispos, considerando o texto um

---

<sup>25</sup> “Líderes católicos não podem escolher caminhos fáceis e sedutores, diz presidente da CNBB”. *Folha de São Paulo*, 15, junho, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/lideres-catolicos-nao-podem-escolher-caminhos-faceis-e-sedutores-diz-presidente-da-cnbb.shtml> Acesso em 24/08/2020.

<sup>26</sup> Apesar da CNBB, Renovação Carismática Católica diz que adeptos apoiam Bolsonaro, *Uol Política*, 08/04/2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/04/08/apesar-da-cnbb-renovacao-carismatica-catolica-diz-que-adeptos-apoiam-bolsonaro.htm> Acesso em 01/09/2020

<sup>27</sup> “Discurso de Bolsonaro não é ético e governo se baseia em “economia que mata” diz carta assinada por 152 bispos brasileiros”. *Folha de São Paulo*, 26/07/2020. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/discurso-de-bolsonaro-nao-e-etico-e-governo-se-baseia-em-economia-que-mata-diz-carta-assinada-por-152-bispos-brasileiros.shtml?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=compfb&fbclid=IwAR2g09pXYVwDV7I\\_6gmIb3YPq4W4W36CtF5P6yHohKRgT69NUjVFj1zK7Sc](https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/discurso-de-bolsonaro-nao-e-etico-e-governo-se-baseia-em-economia-que-mata-diz-carta-assinada-por-152-bispos-brasileiros.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=compfb&fbclid=IwAR2g09pXYVwDV7I_6gmIb3YPq4W4W36CtF5P6yHohKRgT69NUjVFj1zK7Sc) Acesso em 01/09/2020

“documento profético para o discernimento dos sinais nestes tempos tão difíceis” e se indignando com “as ações do presidente em desfavor e com desdém para com a vida”.<sup>28</sup>

De fato, como indicam Lellis e Dutra em artigo recente, a gestão Bolsonaro caracteriza-se como um “governo de guerra” que empreende uma “guerra cultural” contra instituições e instrumentos protetivos da cidadania criados a partir da Constituição de 1988. Esta “guerra cultural” se baseia num discurso de enfrentamento *moral* permanente como forma de manutenção do poder. Através deste discurso, criam-se situações de “pânico moral” contra alvos taxados de “ideologia de gênero” e de “comunismo” (LELLIS, DUTRA:2020). No que tange à pandemia da Covid 19, a tática da “guerra cultural” disseminou “teorias da conspiração”, como a inoculação da população pelo “vírus chinês” e a acusação de falsificação dos dados de óbitos e internações pela doença, inflando-os. No que diz respeito à questão das religiões durante a crise, o esquema da “moralização religiosa da política” encobriu a falta de uma política pública de resposta à pandemia, com exortações para manutenção dos templos abertos, mesmo formando aglomerações, através da promessa de proteção divina e se contrapondo às políticas de isolamento como atentatórias à liberdade religiosa (LELLIS, DUTRA: 2020).

O último episódio que abalou as relações entre a Igreja Católica e o governo federal - dividindo-a entre apoiadores e críticos deste governo e gerando sérias repercussões para sua dinâmica interna - foi o caso do oferecimento por parte de dirigentes de TVs católicas de apoio ao governo em troca de favorecimentos.

No dia 21 de maio de 2020 o presidente Bolsonaro fez uma vídeo-conferência com proprietários e padres de emissoras de TV católicas, onde estes pediram mais investimentos do governo em troca de “mídia positiva” nos seus noticiários: “Queremos estar nos lares e ajudar a construir esse Brasil. E mais do que nunca o senhor sabe o peso que isto tem, quando se tem uma mídia negativa. E nós queremos estar juntos”, disse o midiático padre Reginaldo Manzotti.<sup>29</sup> A CNBB emitiu uma nota onde classificava o teor da conversa entre o presidente e os representantes das TVs católicas de “barganha”. Em seguida D. Walmor de Oliveira, presidente da CNBB, em entrevista a Folha de São Paulo, afirmou que “há certos caminhos fáceis, sedutores (...) mas incoerentes com os

<sup>28</sup> Mais de mil padres apoiam a corajosa Carta ao Povo de Deus, subscrita por 152 bispos brasileiros. *Nocauté - blog de Fernando Moraes*, 30/07/2020. Disponível em: <https://nocauté.blog.br/2020/07/30/mais-de-mil-padres-apoiam-a-corajosa-carta-ao-povo-de-deus-subscrita-por-152-bispos-brasileiros/> Acesso em 01/09/2020.

<sup>29</sup> Divisão na Igreja Católica Brasileira explode com Bolsonaro. *Diário de Notícias*, 02/08/2020. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/divisao-na-igreja-catolica-brasileira-explode-com-bolsonaro-12486011.html> Acesso em 06/09/2020

ensinamentos de Jesus”. Ele esclareceu que sua crítica “não pode ter sentido de acusações internas (...) mas de contraposição de alguns entendimentos tendenciosos”.

Para acomodar todo esse *imbróglho*, com ressonâncias de divisão para dentro da Igreja, uma reunião emergencial na CNBB foi convocada por D. Walmor e D. Joaquim Mol, da Pastoral de comunicação, com os bispos cujos sacerdotes haviam participado da videoconferência. De um lado o Bispo de Itacoatiara cobrou retratações e chamou os padres de “mercenários” que fizeram da fé católica um “mercado”. E de outro, o bispo de Curitiba, diocese do padre Manzotti, defendeu-o, dizendo que este não esperava tanta reação contrária. E que Manzotti só teria pedido ao presidente mais agilidade nas autorizações para funcionamento das rádios e tvs católicas e que propôs em troca uma “comunicação isenta e positiva”.

A polêmica se espalhou para os movimentos organizados da Igreja, o Conselho Nacional do Laicato e a Comissão de Justiça e Paz expressaram apoio irrestrito a posição da CNBB contra a “comercialização da fé” e disseram não reconhecer a Frente Parlamentar Católica que intermediou a videoconferência com Bolsonaro. Por sua vez a cúpula da Frente Parlamentar Católica - através dos deputados Francisco Jr (PSD-GO), Eros Biondini (PROS-MG) e Diego Garcia (Podemos-PR), integrantes do Movimento Fé e Política da Renovação Carismática<sup>30</sup>, todos bolsonaristas assumidos - procurou esclarecer que o apoio oferecido ao presidente “não era condicionado” e que eles se encontrariam alinhados e não rompidos com a CNBB. A reunião buscou expressar um clima de reconciliação na Igreja e ambos os lados rejeitaram “rupturas internas na CNBB”<sup>31</sup>

Todos esses atritos entre as posições da Igreja Católica expressos entre a CNBB e o governo Bolsonaro, iniciados no ano de 2019 em torno do Sínodo da Amazônia e agravados em 2020, diante da postura negacionista do governo face à pandemia e da não proteção às vítimas dessa crise sanitária e social, segundo órgãos de imprensa, têm levado a um avanço e mobilização do setor “progressista” da Igreja e uma postura defensiva do seu setor “conservador”<sup>32</sup>

<sup>30</sup> Para se compreender melhor a formação política e parlamentar da Renovação Carismática ver Procópio (2019: 275-299, 2017:01-14)

<sup>31</sup> CNBB age para evitar ruptura após ala católica oferecer apoio a Bolsonaro. *Correio Brasileiro* 13/06/2020. Disponível em: [https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/politica/2020/06/13/interna\\_politica,863482/cnbb-evita-ruptura-apos-ala-catolica-oferecer-apoio-a-bolsonaro.shtml](https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/politica/2020/06/13/interna_politica,863482/cnbb-evita-ruptura-apos-ala-catolica-oferecer-apoio-a-bolsonaro.shtml) Acesso em: 02/09/2020.

<sup>32</sup> Nos bastidores, bispos se articulam para criar frente anti Bolsonaro na CNBB. *Brasil de Fato*, 15/07/2020. Disponível: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/15/nos-bastidores-bispos-se-articulam-para-criar-frente-anti-bolsonaro-na-cnbb> Acesso em: 02/09/2020.



## ***Governo Bolsonaro: oscilação entre evangélicos e católicos ou estabilidade em um cristianismo comum a ambos?***

Voltando à questão da influência religiosa cristã no governo Bolsonaro, o que parece se configurar enquanto fundamento religioso deste governo, à maneira do que ocorreu nos EUA nos governos do Partido Republicano de Ronald Reagan, George Bush, pai e filho, se projetando para o governo Trump, seria um “ecumenismo de direita” cristão, como resultado do projeto liderado pelo pastor e líder religioso Jerry Fawell nos anos 1970. Na ocasião, ele conclamou a “maioria moral” conservadora dos cidadãos estadunidenses, disseminada entre evangélicos/ protestantes, católicos e judeus, a fazerem valer sua influência no destino político da Nação (SILVA, BARBOSA, 2019).

No entanto, o caráter instável das ações de Bolsonaro e de seus filhos e sua recusa em formular qualquer projeto articulado para o país<sup>33</sup> resulta que mesmo nesta sua fiel base religiosa de sustentação, se produza um desequilíbrio que contempla explicitamente os evangélicos e secundariamente os católicos conservadores. Sua relação com segmentos religiosos cada vez mais envolvidas de forma confessional na política e no poder, obedece, contudo, apenas a vontade do líder, no seu ritmo de imprevisto e de espontaneidade.

Este poder, sustentado no que estamos nomeando de cristianismo conservador difuso promovido por Bolsonaro, se aproveita do interesse de igrejas, grupos, movimentos e setores reacionários<sup>34</sup> de matriz cristã para se reproduzir. Poder que se

<sup>33</sup> Segundo o filósofo Paulo Ghiraldelli, a (des)política de Bolsonaro “solapa instituições republicanas de modo a poder ter uma democracia que corra a seu favor. Uma democracia sem espírito republicano (...) Nela ele vence sempre (...) [com os] votos da milícia e das igrejas evangélicas (...) O chamado populismo de direita” (GHIRALDELLI: 2020). Não possuir um projeto de governo baseado em políticas públicas com conteúdo “programático” não significa ausência de plano e projeto de permanência no poder. Este está centrado na “guerra cultural” fundada na “retórica moralista [religiosa] de ódio” contra “inimigos” reais ou imaginários visando sua manutenção no poder (LELLIS, DUTRA, 2020). Projeto este que encobre a falta de propostas para a gestão do Estado e dos serviços públicos e firma-se unicamente na retórica moralista da política, muitas vezes de cunho religioso (LELLIS, DUTRA, 2020).

<sup>34</sup> Aplicamos no texto o conceito de conservadorismo das formulações de Karl Mannheim enquanto um *estilo de pensamento* com gênese na Europa conflagrada das revoluções dos séculos XVIII e XIX enquanto reação ao Iluminismo. O conservadorismo busca preservar o *status quo* e se constitui como forma de resistência à conjuntura de transformações. É um tipo de pensamento que apela para uma “intuição concreta” contra a ideia da razão universal, daí valorizar as experiências concretas enraizadas, tidas como “naturais”, como: a *família*, a *religião*, a *pátria* (MANNHEIM, 1982: 107-136.). Além disso, no acirramento da luta política, como no caso do Brasil, o conservadorismo (fusão do religioso e do político), ao se projetar na esfera política, resvala para um reacionarismo, pois como afirma Mark Lilla, no caso, busca-se retroagir das transformações democráticas, liberais e libertárias para um passado de autoridade hierárquica rígida, de imutabilidade nas concepções morais, individuais e religiosas (LILLA, 2014).

escora numa afinidade eletiva entre esses núcleos cristãos conservadores e o personagem encarnado pelo atual presidente. Ambos são movidos pelo desejo de fundamentar e legitimar sua ação pública em princípios religiosos. No caso das igrejas e setores cristãos tradicionais, uma tentativa de colonizar o espaço secular e laico com a diretriz que realmente interessa: a religiosa. No caso de Bolsonaro, seus filhos e *entourage* “olavista” de extrema direita, o intuito é lastrear seu exercício de poder com o imaginário que emerge de forma natural da consciência popular, a religião. Esta se expressa junto com outra, a patriótica que evoca a nação, ambas sintetizadas na fórmula banal, mas eficaz do “Deus acima de todos, Brasil acima de tudo”.

Dentro desta conjugação de interesses, igrejas e facções conservadoras de igrejas cristãs não são consideradas em sua institucionalidade pelo governo “cristão” de Bolsonaro, embora sejam sempre atraídas, agraciadas pelo líder e mantidas no círculo do poder. Neste lugar podem extrair as benesses para se robustecerem tanto em termos de prestígio, quanto econômica e materialmente. No entanto, permanecem subordinadas à vontade daquele que sempre é propagandeado por elas mesmas - com a acolhida de seus membros fidelizados - como o “messias” e o “mito”.

Por fim, buscando responder à pergunta contida no resumo e na introdução deste artigo: se este governo promove um “ecumenismo” de (extrema) direita ou uma desproporcionalidade, com preferência pelos evangélicos, em seguida atenuada com uma atenção aos católicos, teríamos a dizer:

Pendendo para o lado da ideia da articulação, ou seja, do acordo e funcionamento de um consórcio entre as duas religiões alocadas no governo, poderíamos apresentar alguns exemplos. No ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, chefiado por Damares Alves, suas escolhas para compor as secretarias deste Ministério revelaram um considerável equilíbrio entre quadros religiosos conservadores provenientes tanto de igrejas evangélico-pentecostais quanto do catolicismo. Para a Secretaria de Proteção Global que cuida das políticas de combate ao trabalho escravo e as demandas dos LGBTs, foi nomeado o procurador da fazenda e pastor da Igreja Batista da Lagoinha, mesma Igreja da ministra, Sérgio Augusto de Queiroz. Para a Secretaria da Mulher, a deputada Tia Heron da neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Para a Coordenação Nacional de Políticas à Maternidade, passou pelo Ministério a ativista de extrema direita Sara Giromini, vulgo Sara Winter, ex-feminista do movimento “Escola Sem Partido”, conversa ao catolicismo. Para a Secretaria da Juventude, a jovem vereadora de Santa Catarina, Jayana Nicaretta Silva, católica e também ligada ao movimento da “Escola sem Partido”. Para a Secretaria de Promoção da

Igualdade Social, foi nomeada Sandra Terena, índia de confissão evangélica que protagonizou a infundada denúncia sobre prática de infanticídio nas aldeias do Alto Xingu e para a Secretaria da Família Ângela Gandra, representante da União dos Juristas Católicos e filha do jurista Yves Gandra, católico expoente da Opus Dei<sup>35</sup>.

Além dessa iniciativa, Emerson Silveira, em artigo analítico, registra a conclamação e ação do padre ultraconservador Paulo Ricardo de Azevedo Júnior no site “A aliança política entre católicos e evangélicos”, com 56 mil visualizações para a consecução desta aliança. Diz o autor que a despeito “das diferenças doutrinárias”, o sacerdote faz um “apelo por uma coalizão política em prol de um interesse maior: a luta a favor do patrimônio moral judaico-cristão e contra a hegemonia do marxismo cultural” (2018, p.301)

Para o lado da desproporção e seus efeitos de instabilidade no equilíbrio da composição “cristã” no governo devido as “preferências evangélicas” do presidente registramos os seguintes fatos.

No mês de dezembro 2019 realizou-se, com a presença de Bolsonaro, um culto de Ação de Graças no Salão Nobre do Palácio do Planalto com representantes evangélicos. Em seguida, também com a presença dos mesmos, foi lançada a pedra fundamental do Museu da Bíblia, organizado pela Frente Parlamentar Evangélica. Também houve uma participação presidencial na Conferência Nacional da entidade quando fez a palestra intitulada “Os desafios para a construção do novo Brasil de perspectiva cristã”. Na ocasião estava acompanhado da indefectível presença da Ministra Damares Alves.

Ao dirigir a palavra a uma audiência composta por políticos da Frente Parlamentar Evangélica e lideranças eclesiais, Bolsonaro enfatizou: “é motivo de honra, de orgulho e de satisfação vê-los juntamente comigo publicamente *aceitando Jesus* nesta casa que esteve carente de sua palavra”<sup>36</sup>. Ao acionar o dispositivo diacrítico da conversão evangélica, “aceitar Jesus”, o presidente estava deixando claro diante da plateia de lideranças deste credo que enchia o recinto, um sinal de adesão pública a esta corrente religiosa.<sup>37</sup>

Para nós, esta predileção do governo no arco dos seus apoiadores religiosos por um segmento, pode acentuar consequências limitadoras de apoio das outras correntes a

<sup>35</sup>“Conservadores religiosos vão comandar política de Direitos Humanos”. *O Globo*, .Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/conservadores-religiosos-vaio-comandar-politicas-de-direitos-humanos-23347701>. Acesso em: 20 fev. 2019.

<sup>36</sup> Grifo nosso.

ele. Avaliamos que no caso da religião ainda majoritária dos brasileiros, o catolicismo, este alinhamento mais direto aos evangélicos pode levar ainda mais, afora toda a tensão acontecida nos dois anos de governo, a um afastamento crescente.

Ainda com respeito a isto, outros acontecimentos são ilustrativos desta “opção preferencial pelos evangélicos” no governo Bolsonaro em detrimento da Igreja Católica. A ida de Bolsonaro ao Templo de Salomão da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é outro fato marcante deste pendor do presidente pelo ramo religioso neopentecostal. Na condição de supremo mandatário do país, ele se ajoelhou diante do bispo Macedo para ser ungido com óleo sagrado. Tendo seu mandato, cuja fonte de legitimidade advém das urnas e da soberania popular, sacralizado, qual os imperadores e reis medievais e absolutistas, pelo “direito divino”<sup>38</sup>.

Por outro lado, é verdade, que grupos católicos carismáticos como a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Canção Nova em atos performáticos do mesmo quilate abençoaram Bolsonaro. Pode-se registrar neste particular o vídeo em que Bolsonaro aparece com lideranças da RCC tendo à frente o deputado Eros Biondini (PROS/MG), quando manifestam apoio e oram, enquanto o missionário carismático Ironi Spuldaro impõe as mãos na cabeça do candidato e faz uma “profecia” sobre ele<sup>39</sup>. Da mesma maneira, outro vídeo registra a visita de Bolsonaro à Comunidade Canção Nova, onde recebe unção e bênção do Monsenhor Jonas Habib, líder desta comunidade carismática conservadora<sup>40</sup>. Mas esses foram rituais praticados durante a campanha eleitoral e não se repetiram de forma mais explícita durante o governo Bolsonaro.

Ao contrário, as últimas performances de Bolsonaro no intuito, julgamos, de afagar sensibilidades católicas - depois do anticlímax que foi o episódio da Consagração da Virgem apresentado anteriormente - foram marcadas por muita discrição e quase intimismo, em relação à espetacularização daquelas evangélicas também relatadas acima. Bolsonaro visitou a Catedral (Católica) de Brasília, fora da agenda oficial, ficou apenas

<sup>37</sup> “Bolsonaro muda horário de culto no Planalto por causa do Flamengo”. *O Globo*, coluna Lauro Jardim, Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/bolsonaro-muda-horario-de-culto-no-planalto-por-cao-do-flamengo.html> Acessado em 21/12/2019

<sup>38</sup> “Bolsonaro recebe unção de Edir Macedo e bispo diz que presidente vai arrebentar”. *Estadão*, 01/09/2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/09/01/bolsonaro-recebe-uncao-de-edir-macedo-e-bispo-diz-que-presidente-vai-arrebentar.htm> Acesso em 26/08/2020

<sup>39</sup> “Bolsonaro recebe profecia de missionário carismático”. *O Verbo*, 20/outubro/2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/bolsonaro-recebe-profecia-de-missionario-carismatico/> Acesso em 26/08/2020

<sup>40</sup> “Bolsonaro na Canção Nova com Jonas Habibi e Luzia Santiago”, *Canal Youtube Canção Nova* 30/novembro/2018. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=NzL9i0U\\_nek](https://www.youtube.com/watch?v=NzL9i0U_nek) Acesso em 06/09/2020

alguns minutos no local<sup>41</sup>. Enfim, uma *performance* sem a *entourage* de leigos, padres e bispos carismáticos conservadores, totalmente distinta daquelas que fez com a Frente Parlamentar Evangélica ou com o Bispo Macedo da IURD.

### **Conclusão**

Ainda na tentativa de uma resposta para as questões lançadas no início e desenvolvidas ao longo do nosso texto - se estas duas expressões cristãs conservadoras estariam se unindo ou em disputa no seio do governo Bolsonaro e se o governo Bolsonaro articularia ambas com igual peso ou manifestaria preferência por uma das duas - teríamos algumas pistas para desenvolver em forma de conclusão.

Não obstante os preterimentos por Bolsonaro em relação ao catolicismo em favor dos evangélicos destacados nos episódios descritos no texto, até agora parece prevalecer uma persistente articulação destas duas forças conservadoras dentro do governo.

A forma marcada pela imprevisibilidade e centralização com que o presidente conduz suas ações tem gerado consequências não (totalmente) intencionais que facilitam a convivência entre os dois cristianismos conservadores no seio do governo. Explicamos:

A superficialidade de Bolsonaro em relação ao traquejo com os meandros da liturgia, do léxico e hábitos religiosos cristãos, seja da Igreja Católica, seja do meio evangélico, parece ajudar a nivelar as diferenças entre católicos e evangélicos conservadores em prol do que estamos chamando de uma cultura cristã tradicional generalizada, onde tanto católicos quanto evangélicos se reconhecem. Daí a ideia de um “ecumenismo cristão de (extrema) direita” existente dentro do governo.

Isto não passou despercebido ao jornalista “vaticanista” Iacopo Scaramuzzi, quando afirmou que:

Se olharmos para políticos como Salvini (...) e Bolsonaro, vamos ver que a conversão deles acontece de maneira muito rápida. Eles tomam esse caminho de forma muito superficial. Por exemplo, Salvini, na Itália, não tem nenhum background católico. Nunca foi interessado em religião, não vai à missa. Salvini usa com frequência um rosário, que ele

<sup>41</sup> Bolsonaro visita Catedral de Brasília, ajoelha-se e faz oração. *PODER 360*, 05, janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-visita-catedral-de-brasil-ajoelha-se-e-faz-oracao/?fbclid=IwAR0-mYZP9ejFyzYyIZIrgLdLTpEIN7SFyHKuCCOzUYjX0X6te0K8m>

Acesso em: 24/08/2020

nunca rezou. Não são políticos interessados nos ensinamentos da igreja. (SCARAMUZZI, 2020)

Para o jornalista italiano, diante de uma população perdida e confusa pelas influências da multiculturalidade e da secularização, os ideólogos da extrema direita perceberam que “o cristianismo é uma linguagem que mais ou menos todos entendem”, é uma “referência cultural”, “um marcador identitário”, que traz um “senso de identidade”. Para ele, esta aderência de fato não vem referida à “fé cristã”, pois tanto as lideranças populistas de extrema direita, que exploram os símbolos religiosos cristãos, quanto a população que se engaja nesta mensagem, não possuem vida religiosa regular (SCARAMUZZI, 2020).

No entanto, para o caso brasileiro, tanto as igrejas evangélicas/pentecostais, quanto os grupos carismáticos e do tradicionalismo da Igreja Católica, promovem uma intensa vida religiosa, com assídua assistência de seus adeptos em cultos, rituais, missas, êxtases e penitências. Do mesmo modo, desenvolvem um pujante ativismo religioso em campanhas, marchas, mobilizações. Ambos diferem - devido as suas pertencças exclusivas ao credo evangélico ou ao católico - daquele a quem atribuíram ser o “messias”, o “homem de Deus” a conduzir a política do país: alguém que não é definitivamente nem católico nem evangélico, porém um autêntico cristão no qual ambos, evangélicos ou católicos conservadores se sentem reconhecidos. Identificados com esta liderança, que colocou de forma singular seus valores morais religiosos no espaço público, com um caráter aberto e ostensivo.

Por fim, um dos indicadores desta aproximação das forças cristãs conservadoras em torno do governo Bolsonaro é o que o teólogo Fábio Py vem chamando de “crisofascismo”. Para ele, crisofascismo circunscreve-se na apropriação por uma teologia fundamentalista e tradicionalista (evangélico-pentecostal e católica) baseada numa imagem idealizada de “família cristã” e na “guerra cultural” contra outras formas de espiritualidade como a afrobrasileira, indígena e o cristianismo ecumênico. Esta visão tem funcionado como suporte ao governo Bolsonaro onde se transformou, segundo o autor, numa “teologia do poder autoritário” (Py, 2020). Através desta apropriação, uma linguagem plena de referências bíblicas é disseminada nas redes sociais entre indivíduos que orbitam ao redor das “máquinas sócio religiosas” - que são igrejas como a IURD, Assembleia de Deus etc. - visando combater iniciativas pela diversidade, os direitos reprodutivos, a luta contra o racismo, em prol do meio ambiente defendidos por feministas, pelo movimento negro, por coletivos Gays e LGBTs, ecologistas etc (Py, 2020). Tal foi o caso do “dia do jejum”, exortação visando se contrapor à política sanitária indicada pela OMS e praticada por governos estaduais e municipais do país, de

isolamento social diante da pandemia da Covid 19. Com a prática do “jejum”, clama-se pelo “milagre” em ajuntamento de fiéis nos templos, com a consequente disseminação do vírus.

Só a evolução do quadro político no país irá definir os destinos desta coalizão da direita religiosa cristã presente no governo. Em recente pesquisa de opinião, o Datafolha revela que para os 17% dos arrependidos do voto em Bolsonaro, 22% são católicos e 12% evangélicos. E no que diz respeito à desaprovação do governo, 42% são católicos e 27% evangélicos. Na análise desta pesquisa, o sociólogo Reginaldo Prandi junto com Mauro Paulino e Alessandro Janoni, respectivamente diretor geral e de pesquisa do Datafolha, apontam que católicos, mesmo os que optaram por Bolsonaro nas eleições, mostram-se mais alinhados com o discurso atual do Vaticano e da CNBB de isolamento social e transmissão de missas em plataformas digitais<sup>42</sup>. Estes são indicadores que, dentro do “núcleo duro” religioso de apoio ao governo ultraconservador de Bolsonaro, começa um gradativo desligamento na sua adesão, nitidamente concentrado no lado do catolicismo.

O desembarque do governo Bolsonaro de forças religiosas explicitamente católicas pode acarretar numa caracterização deste governo como exclusivamente - e “terrivelmente”<sup>43</sup> - evangélico-pentecostal. Embora este segmento religioso específico tenha um expressivo pluralismo interno (CAMURÇA, 2013, p.63-87), tal pluralismo estaria longe de alcançar a diversidade cultural/simbólica/religiosa brasileira, para não falar da diversidade da sociedade civil - laica, liberal e libertária. O favorecimento de apenas este grupo religioso, ainda que com representatividade consolidada em parte

---

<sup>42</sup> Presidente se afasta de bolsonaristas católicos ao minimizar pandemia, aponta Datafolha. *Folha de São Paulo*, 13/04/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/presidente-se-afasta-de-bolsonaristas-catolicos-ao-minimizar-pandemia.shtml> Acesso em 02/09/2020.

<sup>43</sup> O advérbio (de intensidade) é uma remissão a frase de Bolsonaro de que iria indicar um ministro para o STF “terrivelmente evangélico”. Ele ao empregar o advérbio disse estar parodiando a Ministra Damare Alves que afirmou anteriormente que era “terrivelmente cristã”. “Bolsonaro diz que vai indicar ministro ‘terrivelmente evangélico’ para o STF”. *G1* 10/07/2019. Disponível: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/10/bolsonaro-diz-que-vai-indicar-ministro-terrivelmente-evangelico-para-o-stf.ghtml> Acesso em 06/09/2020. A ideia do terrivelmente evoca um dos componentes da definição de Sagrado de Rudolph Otto: *terribile et fascinans*. “Tremendo” ou “terrível” no sentido de que frente a potência da divindade o ser humano se sente acuado, submetido a uma experiência arrasadora de pavor. Embora, pelo lado do “fascinante”, também se sinta também atraído e seduzido (Otto, 1969, Armstrong, 1994:52-53). A pretensão de ocupar as instituições de forma “terrivelmente” evangélica, pode significar impor o que julgam divino por sobre o profano.

considerável da população, pode levar no limite a um desgaste no caráter *universal* do governo.

### Referências

- ALETEIA. Bolsonaro participa de consagração do Brasil a Jesus por meio do “coração de Maria”. 21 de maio de 2019. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2019/05/21/presidente-da-republica-assinou-hoje-consagracao-do-brasil-ao-imaculado-coracao-de-maria>> Acesso em 10 de agosto de 2019.
- ALMEIDA, Ronaldo. Deus acima de todos. In: *Democracia em risco?* 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AMOROSO LIMA, Alceu de. *Notas para a história do Centro Dom Vital*: introdução e comentários Rioldo Azzi. Rio de Janeiro: Educam: Paulinas, 2001.
- ARMSTROG, Karen. *Uma história de Deus*: quatro milênios de busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 52-53.
- AUGUSTO, Otávio. No Planalto, Bolsonaro consagrará Brasil ao Imaculado Coração de Maria. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/no-planalto-bolsonaro-consagrara-brasil-ao-imaculado-coracao-de-maria>>. Acesso em: 21 abril 2020.
- CALDEIRA, Rodrigo Coppe. *O influxo ultramontano no Brasil e o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira*, Dissertação de Mestrado, Programa da Pós-Graduação em Ciência da Religião, UFF, 2005
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. “O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades”. In: Faustino Teixeira & Renata Menezes (orgs). *Religiões em Movimento: o Censo de 2010*, Petrópolis: Vozes, 2013, pp.63-87.
- GUIRALDELLI, Paulo. A sociedade de Bolsonaro no horizonte: o pastiche do anarcocapitalismo. *Popular Mais*, 19/04/2020. Disponível em: <<https://popularmais.com.br/noticia/2316/a-sociedade-de-bolsonaro-no-horizonte-o-pastiche-do-anarcocapitalismo.html/>> Acesso em 06/09/2020 Acesso em 06/09/2020
- LELLIS, Nelson., DUTRA, Roberto. Programmatic Crisis and Moralization of the Politics: a Proposal to Define the Bolsonarism from the Experience with the Covid-19 Pandemic. *International Journal of Latin American Religious*, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00113-3>. Acesso em 12/11/2020.
- LILLA, Mark. *The shipwrecked mind: on political reaction*. New York: New York Review Books, 2014.
- MANNHEIM, Karl. 1982. O significado do conservantismo. In: FORACCHI, Maria Alice (org.). *Karl Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, p.107-136.



- MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas*, Porto Alegre, v.11, n. 2, 2011, p. 238-258.
- MARIZ, Cecília e MACHADO, Maria das Dores C. Sincretismo e Trânsito Religioso: comparando carismáticos e pentecostais. *Comunicações do ISEER*, 45, 1994, p.24-34.
- MARIZ, Cecília Loreto. Aparições da Virgem e o Fim do Milênio. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, v. 4, n. 4, 2002, p. 35-53.
- MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- \_\_\_\_\_. *As lutas de classe na França de 1848 a 1850*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- OTTO, Rudolph. *Le Sacré*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1969.
- PAULA, Christiane Jalles de. *O bom combate: Gustavo Corção na imprensa brasileira (1953-1976)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.
- PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. O catolicismo carismático no impeachment de Dilma Rousseff. *Contemporânea. Revista de Sociologia da UFSCAR*, v. 9, 2019, p. 275-299.
- \_\_\_\_\_. Como funciona o Ministério Fé e Política da Renovação Carismática Católica. *C50 online – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, v. 23, 2017 p. 1-14.
- PY, Fábio. *Pandemia Cristofascista*. São Paulo: Editora Recriar, 2020.
- SCARAMUZZI, Iacopo. Entrevista: como o cristianismo fundamenta e orienta a Direita Global. Entrevista de Lucas Ferraz. *The Intercept*, 27/07/2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/07/27/entrevista-direita-populista-usa-cristianismo-para-criar-sentido-comum-e-respeitabilidade/> Acesso em 01/09/2020.
- SEVERO, Júlio. Sob Bolsonaro, Brasil é consagrado à “Nossa Senhora”. 23 de maio de 2019. Disponível em : <https://juliosevero.wordpress.com/author/juliosevero/> Acesso em: 21 abril 2020.
- SILVA, Ivan Dias da & BARBOSA, Wilmar do Valle. *Religião e Política nos Estados Unidos: Jerry Falwell e a presença do fundamentalismo evangélico no espaço público americano*. Curitiba: Editora Prismas/Editora Appris, 2019. 279p.
- SILVEIRA, Emerson Sena. Padres conservadores em armas: o discurso público da guerra cultural entre católicos. *Reflexão*, 43(2), 2018, p. 289-309.
- TONIOL, Rodrigo e CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Catolicismo Eclipsado. In: *Folha de São Paulo*, 31/07/2020, “Saída pela direita” – Blog do Fábio Zanini. Disponível em: <<https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2020/07/31/artigo-mostra-importancia-do-catolicismo-para-ascensao-do-conservadorismo-no-brasil/>> Acesso em 07/09/2020
- ZAQUIEU-HIGINO, Paulo Victor. *Todos os caminhos levam a Cedamusa: o antimodernismo pós-moderno de Padre/Dom Rifan na constituição do neotradicionalismo da*

---

Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney. Dissertação (Mestrado em  
Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.